

Reminiscências

Pseudônimo: Vento Minuano

Uma luz pálida resvala das nuvens e desvela outra amanhã de inverno, um esclarecer tonalizado de cinza. Eu imoto em um instante taciturno de lembrança. Rememoro o lugar onde cresci. E antes do ingresso, do passo final que me fará entrar na cozinha da casa de madeira, ainda antes de girar a maçaneta, me comprehende a eternidade oculta em momento de resignação, levemente amargo, capaz de ressecar a boca e diluir palavras em suspiros, que se perde como o olhar disperso entre residuais lembranças da infância de liberdade no Sítio dos Meninos.

Rememoro o tempo de infante, outrora que deixei em sono suave, envolto no manto da deslembança. A imagem do rosto envelhecido reflete na vidraça coberta de teias de aranha, sou espectro a visitar a si, velho, despido das traquinagens de criança e rompantes de juventude, deixado pelo caminho da vida, avisto pelo vidro, um eu menino, em indeléveis memórias do passado.

O ato de girar a maçaneta exige coragem, o passo derradeiro, entrar na cozinha. Imediatamente me atinge o eflúvio da casa, a essência de infância, vivida com singular perfume da flor rainha-da-noite, está soberana de hábitos noturnais, da qual no verão espriava perfume pela casa, até a fronha do travesseiro, me encontrando desperto em antemanhãs de insônia, inquieto em pensamentos de paixões de adolescência. Em outros crepúsculos, as melodiadas badaladas compassadas do antigo relógio de parede na cozinha que me arrancavam do mundo dos sonhos de Morfeu.

Avisto os objetos cobertos de poeira, ecos retumbantes da história da vida em família no tempo, resguardados pelas paredes de angico diligentemente açoitadas por décadas de abandono, de onde afloram rachaduras, expostas feridas da ressecada face envelhecida da madeira. A contemplação resignada deixa o pensamento livre para voar sem respeitar o tempo-lugar entre o palato das lembranças, para além das paredes pálidas, no testemunho das memórias, que são como pedaços de algodão doce dá época de criança.

Chegar ao quarto da minha infância, olhar a janela, lembrar das tardes de primavera do som das primevas gotas de chuva que beijavam as folhas da parreira ao lado da janela do quarto, num gotejar suave, singular e aleatório, formando uma majestosa sinfonia celestial.

Também é a memória déjà vu enlace da primavera da adolescência, a lua cheia, o carrossel, a roda gigante, o chiclete de uva, a música favorita, o desejo, a nudez, a pele, o

tempo em câmera lenta, o amanhecer, o beijo com café que selava a cumplicidade do amor, do teu colo via o mundo e as estrelas cadentes em teus olhos azuis, depois as brigas corrosivas, o tratamento mordaz e a despedida cruel.

Quando este pequeno lugar não me bastou, parti, pelo mundo em aventuras, decidido a matar no esquecimento o amor efebo, hoje com as veias cheias de pecados, a boca seca dos pedidos de perdão, o coração abraçado de cicatrizes, o olhar perdido, a alma... tão distante, de quem sabe não ser de lá e também não pertencer ao aqui, pois apenas passamos a ter consciência das escolhas quando compreendemos suas consequências.

As velas da vida são empurradas pelos ventos dos sonhos, afinal todos fazemos algum alto juízo sobre nós mesmos, sobre um elementar altruísmo na vicissitude dos acontecimentos do mundo, inventamos um compósito existencial heroico que se sobressai as comezinhas cotidianas e incongruência da existência humana.

Talvez se anuncia-se a vida nos classificados do periódico noticiário, escreveria, negócio de ocasião, vende-se uma vida, sem grandes realizações, com algumas tristezas e desventuras, outras tantas saudades... de infância feliz, alguns belos retratos na memória, amor de adolescência não correspondido, sem descendência e propriedades, por motivo de viagem sem retorno, aceitam-se propostas.

Andei no tempo e no sentido errado da vida, preso ao orgulho de não aceitar a catarse do desamor, sacrifiquei amizades, abdiquei dos momentos de silêncio, de ser eu... caminhei na direção dos desejos, e ao consegui-los me frustrei por não serem tão essenciais como esperava... os sonhos morrem jovens, geralmente por compensações insuficientes, enquanto a felicidade pode ser descrita por metáforas, mas a vida não pode ser vivida da mesma forma.

Afirmo, nunca exigi felicidade, aprendi a viver com o que recebi, abri mão de sonhos, realizei alguns desejos, e outros espero o momento de o universo conspirar a meu favor, embebeci em algumas paixões, provei algum amor, acordei em tantas camas e manhãs de despedida, deixei para traz sentimentos e pessoas que não conseguia carregar, fui egoísta, até envaidecido.

Fui tolo, superficial, somente podia ser eu embebecido em doses uísque, meus sorrisos eram presos as faces dos personagens que representava, covardemente leviano com os sentimentos dos outros, mesmo com o constante admoestar mordaz da consciência, tornei-me verbo errante do pretérito imperfeito, sempre correnteza turva e revolta... sempre em partida, acumulando escombros de sentimentos no coração, mas, o tempo me chamou pelo nome, despertou o medo de envelhecer e morrer sem resolver as coisas desta vida.

Na vida aprendemos com o tempo que quanto mais distantes o lugar pra onde andamos, mais nos aproximamos do que há dentro de nós, a ponto de descobrir a essência dos sentimentos. Agora encontro ao lado da cama o diário esquecido de capa marrom, entre as folhas, as palavras onde tentei aprisionar os sentimentos na ingênuia ilusão que a dor não me consumiria se estivesse acorrentada ao papel.

Mas, as lembranças permanecem alheias ao tempo, permanecem com tamanha vicissitude que ao serem rememoradas também são instantaneamente revividas, as mãos suadas, a garganta seca, o coração apertado, o perfume que usava na despedida, a cor do batom que marcava os lábios serrados, o sal das lágrimas e a imensidão presente na escuridão solitária capaz de abrigar-se entre quatro paredes.

Mas como mortais devemos saber, na vida vagamos entre duas ilhas, a da chegada e da partida... afinal tudo é no tempo, tudo pertence as areias da ampulheta cósmica, e o único tempo que é do homem é o instante presente, o passado é memória e o futuro expectativa.

Quando tentamos apressar ou controlar a vicissitude das coisas do mundo, prever os danos e as mágoas... desafiamos a equação do acaso do universo... até simplesmente percebemos que não temos controle sobre a aleatoriedade do resultado do rolar dos dados, afinal na vida nada é nosso, então se pertence ao universo, segue seu curso temporal indistinto a nossa vontade.

Pois não existem trancas ao tempo, não se pode aprisioná-lo, ignorá-lo, contê-lo, sucumbi-lo, remediá-lo... o tempo é eternidade no segundo, onde nossa única singularidade reside na materialidade da memória, fora esta condição somos grãos de areia levados ao vento, dispersos de propósito existencial.

Então, se não somos mais que um grão de areia no cosmos, acharcados da eternidade pelo anjo da morte, porém conscientes, viveremos pela ação do instante presente e deixaremos ecoar na temporalidade futura as palavras da nossa história, no espetáculo de viver.